



Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específicas

Lenade Barreto, IFBA, Brasil¹
Suely Messeder, UNEB, Brasil²
Jaqueline Gil, IFBA, Brasil³

RESUMO

Nas últimas décadas, é notória a crescente presença da atividade empreendedora em nível global. Contudo, no campo teórico, mais acentuadamente em produções brasileiras, é perceptível a pouca relevância que novos aportes têm alcançado frente a uma reinante e persistente literatura clássico-hegemônica dos estudos sobre o assunto. Neste sentido, este artigo fruto de uma pesquisa de doutoramento em andamento, surge da busca pela composição de um cinturão teórico que traga amparo para uma pesquisa sobre a atividade empreendedora de trabalhadoras e trabalhadores na peculiaridade do contexto da baianidade. Centralizamos nosso olhar em proposições acadêmico-teóricas que propõem rupturas e/ou alargamento de postulados clássico-dominantes. No tocante a questão metodológica, esta escrita consistiu em selecionar e analisar uma vasta produção em três línguas distintas (português, inglês e espanhol) em diferentes bases de artigos científicos, em portais e redes de pesquisadores internacionais. Como resultado, apresentamos cinco agrupamentos, que nomeamos abordagens, a saber: a prática na teoria do empreendedorismo, empreendedorismo com foco no contexto, empreendedorismo e identidade, empreendedorismo e redução da pobreza, abordagem feminista do empreendedorismo. Espera-se que esta revisão contribua para uma nova agenda de pesquisa e de produção teórica para a área do empreendedorismo.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Prática e Contexto. Identidade. Redução da pobreza. Feminista.

1 INTRODUÇÃO

É fato que nas últimas décadas temos assistido a uma aumentada e crescente presença do termo empreendedorismo nas distintas esferas da vida social. A presença se dá não só em termos de detecção massiva do léxico, que está cada vez mais popular, mas em termos práticos. Dedicar-se ao chamado pequeno, micro ou nano negócio resultou um caminho quase que único

¹ lenadebarreto@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4157-9288>

² suelymesseder@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7609-1792>

³ jaquelinegil_644@hotmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8566-383>

Barreto, L., Messeder, S., Gil, J.; Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas V.7, N°2, p.142-167, Maio/Agosto. 2022. Artigo recebido em 08/05/2022. Última versão recebida em 10/06/2022. Aprovado em 15/08/2022.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

de geração de renda para muitas pessoas, incluindo trabalhadores e trabalhadoras que perderam seus vínculos laborais.

De fato, em âmbito global a atividade empreendedora sofreu um acelerado aumento nas últimas décadas. Dados de 2008 do maior e mais amplo estudo e monitoramento sobre empreendedorismo, empreendedores e percepções empreendedoras do mundo – o *Global Entrepreneurship Monitor* – mostram que havia cerca de 133 milhões de empresários no mundo naquele ano, o equivalente a cerca de 10,5% da população mundial. Sobre o Brasil, o relatório mais recente, de 2019/2020, mostra que no ano de 2019 o país alcançou a segunda maior taxa de empreendedorismo total, o que denota que 38,7% da população adulta estavam envolvidos em alguma forma de atividade empreendedora.

Ao mesmo tempo, no campo teórico, é perceptível a pouca relevância que novos aportes têm alcançado aqui no nosso país frente a uma reinante e persistente literatura clássico-hegemônica dos estudos sobre o assunto. Quanto a isso, se faz necessário sinalizar o distanciamento que houve dos teóricos do empreendedorismo com os postulados pós-estruturalistas e, por conseguinte, dos chamados estudos culturais.

Vimos nas últimas quatro décadas, que todas as áreas do conhecimento deram muita atenção e centralidade às questões culturais, tendo-as como objeto de estudo e/ou como uma espécie de ferramenta metodológica. Nesta trilha, houve um alargamento de tudo relacionado a cultura, abrangendo o papel do contexto, da etnia, raça, gênero, sexualidade e religião, trazendo à tona uma alta e diversificada gama de estudos e produções acadêmicas que trouxeram tais temas como pauta.

Entretanto, estudos, pesquisas e produções sobre o empreendedorismo, em especial no Brasil, durante muito tempo, pouca atenção deram a temas e abordagens que se tornaram importantes para a sociedade contemporânea. Ainda persiste uma perspectiva mais empírica focando na busca pela compreensão dos meios de descoberta de oportunidades engendrados por empreendedores/as, as dificuldades e obstáculos encontrados por eles/elas (e a superação destes), conclamando a genialidade empreendedora.

Neste artigo, centralizamos nosso olhar em algumas proposições acadêmico-teóricas que propõem rupturas e/ou alargamento de postulados clássico-dominantes. Trata-se aqui de trazer um recorte de pontos interessantes que vem sendo produzidos por diversos/as autores/as, de distintas nacionalidades, e que consideramos relegados à penumbra do bojo teórico do empreendedorismo difundido na seara acadêmica brasileira.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

Em termos mais elucidativos, no que tange a questão conceitual, o objetivo desta escrita é aglutinar algumas produções que emergiram no trilhar de nossa pesquisa a fim de que possam amparar pesquisadores/as que buscam relacionar práticas empreendedoras específicas e contextuais a um escopo teórico muito mais coerente e alinhado com suas propostas de pesquisa.

Na prática, este artigo surgiu da busca pela composição de um cinturão teórico que trouxesse amparo para uma pesquisa⁴ sobre a atividade empreendedora de trabalhadores e trabalhadoras na peculiaridade do contexto da baianidade⁵. Nossa tarefa não foi fácil e não intenciona ser uma proposta única e generalizante, visto que temos consciência de que a literatura de novas vertentes sobre empreendedorismo está amplamente fracionada (UCBASARAN et al., 2001 apud SARKAR, 2014) e muitos autores apontam justamente a dificuldade de adensamento, ao passo que defendem a ideia libertária de que cada investigador/a poderá apresentar aquilo que quer em suas análises sobre essa área de estudo (STEWART, 1991; VENKATARAMAN, 1997; BYGRAVE, HOFER, 1991).

No tocante a questão metodológica, esta escrita consistiu em selecionar e analisar uma vasta produção em três línguas distintas (português, inglês e espanhol) em diferentes bases de artigos científicos, em portais e redes de pesquisadores internacionais. Como resultado, apresentamos cinco agrupamentos, que nomeamos abordagens, a saber: a virada prática na teoria do empreendedorismo, empreendedorismo com foco no contexto, empreendedorismo e identidade, empreendedorismo e redução da pobreza – três perspectivas, a abordagem feminista do empreendedorismo.

Ao longo do vindouro desenrolar discursivo, apresentamos e apontamos os principais pilares e autores/autoras de cada abordagem e finalizamos com as nossas considerações.

2 TRILHA METODOLÓGICA

Este artigo é fruto da busca por um alicerce teórico para uma pesquisa de doutorado que está em andamento. A referida proposta de tese tem como objetivo macro a compreensão do

⁴ Este artigo é parte do texto de qualificação da tese (em andamento) da doutoranda Lenade Barreto Santos Gil, intitulada “Cacete-armado – empreendedorismo da classe trabalhadora no contexto da baianidade: o puxadinho como locus de subsistência de trabalhadoras e trabalhadores na cidade de Camaçari”, que é aluna do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), da Universidade Federal da Bahia.

⁵ O léxico *baianidade* costuma ser referido como a identidade da gente da Bahia. Trata-se de uma narrativa que apregoa atributos e peculiaridades inerentes ao modo de ser baiano.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

modus operandi de trabalhadores e trabalhadoras em precária atividade empreendedora conduzida nos “puxadinhos⁶” de suas residências, tendo como assento o contexto da baianidade.

Trata-se, pois, de uma proposta de estudo que articula e centra-se no recorte do empreendedorismo da precariedade e do desemprego, assim como também pauta uma ação de desconstrução de postulados hegemônicos da teoria do empreendedorismo que prescrevem e apontam uma série de ritos e qualificativos condicionantes para uma prática empreendedora. Nesta senda, propostas teóricas que fugissem de modelos clássicos e que atentassem para modelos mais fincados na realidade de vida e com olhos voltados para os corpos que fazem empreendedorismo foram nosso mote impulsionador.

Foi feito, no esteio da web semântica que envolve (dados linkados, vocabulários, busca e inferência), um levantamento bibliográfico nos idiomas português, inglês e espanhol em diferentes bases de artigos científicos, em portais e redes de pesquisadores internacionais, com destaque para o Scielo, Anpad/Spell, Periódicos CAPES, Google Acadêmico, Sage Publications, Research Gate, Web of Science, Routledge, Library of Congress, Emerald, Academy of Management, Elsevier, Jstor, EBSCO.

Importante destacar o esforço empreendido visto que algumas bases são pagas e têm um alto custo para o acesso. A estratégia central se pautou em fazer uma busca textual profusa com extração de bojo semântico, mobilizando a aplicação da centralidade aos descritores nucleares “empreendedorismo, *entrepreneurship*, *emprendimiento*”. Esse momento inicial, a despeito da ciência da amplitude que seria resultante dessa primeira busca, foi importante etapa para termos um panorama e confirmar a imensa produção sobre o assunto. Superada essa primeira etapa, iniciamos um processo de afinamento com vistas ao alcance de maior precisão, conforme nosso ponto de interesse preconizado no início desta seção.

Assim, aos descritores nucleares, foram adicionados termos como prática, contexto, identidade, pobreza, feminismo (em inglês e espanhol também). A adição desses léxicos se pautou numa baixa customização frasal e se deu com o emprego de apenas uma *stop word*, a conjunção aditiva “e” (*y/and*). A escolha se deu a fim de diminuir a poluição dos resultados e proporcionar melhor desempenho dos algoritmos de busca das distintas bases consultadas.

⁶ O verbete se refere a uma modalidade de autoconstrução muito recorrente no Brasil. Trata-se da ampliação da casa, tradicionalmente, para abrigar um parente, um filho ou filha que se casou e não tem como arcar o custo de uma casa própria; ou para suprir a necessidade de mais um cômodo para algum outro destino, como uma dispensa ou um espaço de estudo (dentre tantas outras possibilidades). Na tese em andamento, o puxadinho aparece como espaço de desenvolvimento da atividade empreendedora de trabalhadores e trabalhadoras.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específicas

O resultado da busca evidenciou artigos, pesquisas, livros, autores e acadêmicos que versam e pautam sobre empreendedorismo em perspectivas muito menos universalizantes e muito mais aplicáveis a realidades específicas. A despeito de reconhecermos o risco de categorizações e separações históricas naquilo que tange à literatura do empreendedorismo, conforme aponta Sarkar (2014), as abordagens aqui apresentadas não são fechadas, dialogam entre si e trazem como característica uma multidisciplinaridade inerente à perspectiva dos estudos culturais.

Além disso, as abordagens elencadas aqui, da forma que estão, representam a nossa leitura, o nosso olhar e não almejam uma cristalização categórico-teórica hegemônica – algo que seria uma grande contradição nossa. A seguir, apresentamos os achados.

3 A PRÁTICA NA TEORIA DO EMPREENDEDORISMO

Os estudos que propuseram a chamada virada prática na teoria do empreendedorismo surgiram como crítica aos discursos e produções que insistem em reificar a atividade empreendedora em modelos conceituais generalizados e generalizantes, tornando-os empiricamente não especificados, universalizados e distantes do cotidiano de vida daqueles/daquelas que empreendem.

Na verdade, a virada prática no empreendedorismo tem amparo na tradição da prática das ciências sociais que apregoa a noção de que as práticas e suas conexões são altamente relevantes para a questão ontológica de todos os fenômenos sociais (SCHATZKI; KNORR-CETINA; SAVIGNY, 2000; ROUSE, 2006).

A despeito de as teorias da prática terem suas bases nas filosofias pós-cartesianas de Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Wittgenstein e, mais recentemente, Dreyfus, Taylor, Giddens, Foucault, Garfinkel, Lyotard, Pickering, Scollon, Rouse, Schatzki (THOMPSON; VERDUJIN; GARTNER, 2020), existe uma notada inspiração na praxiologia de Bourdieu e, de fato, seus postulados vêm sendo usados em distintas produções.

Especificamente, no escopo do trabalho por conta própria e no empreendedorismo, tomando estes como um enquadramento macro, a base teórica de Bourdieu tem sido usada para explorar o fenômeno da migração (NOWICKA, 2013; VERSHININA *et al.*, 2011), da classe (ANDERSON; MILLER, 2003), gênero (MARLOW; CARTER, 2004; VINCENT, 2016),

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

aprendizagem (KARATAŞ-ÖZKAN, 2011) e economias rurais (SUTHERLAND; BURTON, 2011).

Indiscutivelmente, a estrutura bourdieusiana é amplamente aplicável aos estudos sobre o empreendedorismo porque permite a desconstrução e reconstrução do mundo social via conceitos centrais: campos ou configurações sociais de tessituras diversas; capital, a saber, os recursos econômicos, culturais, sociais e simbólicos de valor dentro dessas configurações; e o “habitus que produz práticas”, (BOURDIEU, 1994, p. 65). Todos esses conceitos, por sua vez, afetam a agência dentro dos campos.

Os teóricos que amparam suas pesquisas na praxiologia de Bourdieu, entendem que nenhuma descrição ou explicação das características da vida empreendedora – como reconhecer, avaliar e explorar oportunidades – é possível sem a descrição, análise e explicação de como a vida empreendedora é realmente vivida: nas e por meio das práticas (GROSS; CARSON; JONES, 2014; KEATING; GEIGER; MCLOUGHLIN, 2013).

Nesta senda, a prática não é uma categoria conceitual desprovida de sentidos, mas oriunda de uma abrangente construção de significados, de formação identitária e de ordem de produção de ações realizadas por empreendedores situados em condições históricas específicas (CHIA; HOLT, 2006; NICOLINI, 2009).

Os estudiosos da virada prática estão focados nos processos concernentes a uma dada atividade empreendedora (MATTHEWS; CHALMERS; FRASER, 2018; WHITTINGTON 1996) e levam em consideração o fato de que o social e o material ou tecnológico, aspectos inerentes à atividade empreendedora, sejam elementos inseparáveis, sem limites determinados que emergem num nexo de práticas de uma cultura (GHERARDI, 2016; HARAWAY, 1991).

Adotar a lógica da prática significa alinhar-se com a noção que os nexos das práticas estão relacionados a ordens sociais mais duradouras (mercados, setores, instituições, cultura, gênero etc.) com a observação de que a agência empreendedora é uma luta relacional, corporificada e improvisada (CHALMERS; SHAW, 2017; GROSS; GEIGER, 2017; KEATING; GEIGER; MCLOUGHLIN, 2013).

Apesar de muito interessante para realidades periféricas e específicas, Thompson; Verdujin e Gartner (2020) apontam que a teoria da prática no empreendedorismo segue marginalizada em favorcimento de um individualismo ontológico predominante que foca no comportamento do tipo ideal de empreendedor. A teoria da prática desafia esse individualismo ontológico ao apontar que o empreendedorismo não é um comportamento individual único, um

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

estado ou evento que deva ser uniformemente observado e homoganeamente teorizado (THOMPSON; VERDUJIN; GARTNER, 2020).

Os estudos de empreendedorismo a partir de uma tradição de prática tratam o nexo de práticas como o foco a ser estudado: a natureza do empreendedorismo, a diversidade de suas ocorrências, suas transformações e seus efeitos (muitos dos quais, não- intencionais).

4 EMPREENDEDORISMO COM FOCO NO CONTEXTO

Pode parecer uma opulenta obviedade, principalmente para quem é das humanas e da linguística, mas os fenômenos empreendedores, e tudo aquilo que lhes é inerente, ocorrem dentro de contextos: cada ser humano pensa e age dentro de certos contextos sociais, linguísticos e materiais, e os seres humanos não são espíritos desencarnados, mas consistem em carne e sangue, vivendo em certos tempos e lugares concretos (WELTER, 2011).

Os contextos são muito relevantes para a ação empreendedora e uma abordagem contextual ao empreendedorismo claramente nos afasta das formas de investigação que apregoam o descolamento do contexto – como traços de personalidade e abordagens de capital humano, classicamente falando.

Vários autores vêm sinalizando sobre a necessidade de um escopo teórico mais pautado em questões reais, incluindo a atenção ao contexto e fugindo de premissas por demasiado abstratas e universalizantes (STEYAERT; KATZ 2004; WELTER, 2011; ZAHRA, 2014; WELTER; GARTNER, 2016; STAM, 2016). É ponto recorrente nessas novas produções a sinalização de uma injustificada desatenção daqueles/daquelas que teorizam o empreendedorismo sobre a importância do conhecimento local (GEERTZ, 1989), situado em uma dada realidade, um dado contexto social.

A ideia pautada pelos autores é o estímulo a uma agenda pesquisadora que não se resuma a cenários notadamente hegemônicos e que se varie entre cenas mais amplas e mais estreitas, promovendo o deslocamento das análises da atividade empreendedora em espaços multidiscursivos e ampliando as minúcias da sociabilidade cotidiana que compõem os processos empreendedores.

Para Steyaert e Katz (2004) ao conectar o empreendedorismo ao contexto social, uma compreensão política do contexto emerge na forma de uma geopolítica do cotidiano do

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

empreendedorismo e, conseqüentemente, numa geopolítica do conhecimento produzido, contribuindo, assim, para o enriquecimento teórico mais amplo.

Parece-nos muito interessante a argumentação de Johnstone e Lionais (2004), em se tratando da importância do foco no contexto. Argumentam que, em locais onde as relações capitalistas são menos robustas, como comunidades carentes e/ou periféricas, o processo empreendedor pode se adaptar e se manifestar de forma diferente, específica, em virtude da realidade social.

Apontam os autores que as áreas sem poder de capital demandam, provocam e criam respostas empreendedoras a essa condição. Algumas pesquisas recentes, que exploraram contextos periféricos, destacam discursos, estruturas e práticas libertadoras exercidas por empreendedores marginalizados.

Como exemplo disso, Georgiou (2013 *apud* Dodd; Pret; Shaw, 2016) fez uma pesquisa na qual encontrou um empreendedorismo de resistência em seu estudo do pós-colonialismo e das redes empreendedoras, onde emergiram híbridos culturais que tanto imitam quanto resistem às forças dominantes. O empreendedorismo, então, pode atuar como um veículo para que os marginalizados representem a criatividade envolvida na movimentação entre várias estruturas culturais e na resistência ao colonizador, interrompendo a imposição de seus conhecimentos e de suas práticas (FRENKEL, 2008).

A marginalidade, a posição de impotência, pode então ser desdobrada como um recurso, permitindo um tipo especial de “empreendedorismo libertado” (Dodd, Pret e Shaw, 2016, p. 124). O empreendedorismo de resistência transforma o local da margem em um espaço de liberdade, um espaço de jogo. Os meios disponíveis nesse contexto marginalizado não são tipicamente econômicos, mas talvez sejam ainda mais influentes para essa realidade.

Nas mãos dos desprivilegiados, recursos culturais, sociais e simbólicos podem se tornar ferramentas criativas de resistência a ditames empreendedores dominantes. Este não é um caminho fácil: a escassez aguda de recursos e a exclusão imposta por uma hegemonia econômica combinam-se para criar um contexto muito difícil para o empreendedorismo. No entanto, um ponto forte dos empreendedores marginalizados, que são excluídos ou deliberadamente resistem ao *habitus* ortodoxo, é que eles podem fornecer uma construção social alternativa de empreendedorismo para desafiar postulações dominantes (DODD; PRET; SHAW, 2016).

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

Para o alcance de um escopo teórico atento aos contextos é importante que os estudos sobre o empreendedorismo trabalhem com outras disciplinas como a antropologia, a sociologia e linguística que possuem algumas das ferramentas essenciais para explorar a variedade, a profundidade e a riqueza de contextos específicos. (ZAHRA, 2007; WELTER, 2011; STEYAERT, 2016). Nesse sentido, o foco no contexto dentro da teoria do empreendedorismo claramente dialoga com a virada prática apresentada antes.

5 EMPREENDEDORISMO E IDENTIDADE

Antes de tudo, é importante esclarecer que tratamos identidade e a pauta identitária numa perspectiva que assume a não-cristalização de características impositivas e prescritivo-excludentes do *self*. Defendemos que não existe possibilidade de escapar da senda identitária que, mesmo admitindo um movimento contínuo de mudanças, avanços e retrações numa linha diacrônica, tem sua possibilidade de delineamento em marcos temporais sincrônicos. Isso difere, importante dizer, do movimento do identitarismo conservador que tem amparo em discursos extremistas da direita. Nessa perspectiva, nos vimos impelidas a buscar produções que preenchessem uma lacuna surgida ao tratar das perspectivas teóricas até aqui apresentadas, em especial a virada prática do empreendedorismo e a relevante constatação de que o contexto importa muito para a prática empreendedora. Esclarecimento feito, seguimos.

No contexto da pesquisa sobre o empreendedorismo, conforme apontam as pesquisadoras Nielsen e Lassen (2011), há um crescente interesse sobre aspectos que envolvem a questão identitária como um aspecto do processo empreendedor, fato que pode ser observado nos trabalhos de Downing (2005), Down e Warren (2008); Shepherd e Haynie (2009) e Hoang e Gimeno (2010).

Entretanto, é atribuída a Akerlof e Kranton (2000) a introdução do conceito de identidade nos estudos da teoria econômica. Ainda que não tenham adentrado especificamente no empreendedorismo, é importante breve referência aos autores. Ao contraporem a economia padrão que se baseia numa espécie de individualismo metodológico, defendem que nem todas as tomadas de decisões e considerações individuais são pontos isolados, mas estão, sim, atreladas a uma desejabilidade social fruto da visão que o indivíduo tem de si e de quem ele ou ela é a partir das interações sociais, tendo como consequência normas e prescrições endógenas que afetam o comportamento social.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

Falck, Helblich e Luedemann (2009) falam de uma sentida ausência do tema da identidade nos estudos sobre o empreendedorismo e apontam que trabalhos neste campo tem uma grande dívida com as contribuições seminais schumpeterianas. Para esses autores, Schumpeter, apesar de uma visão um tanto romantizada, deu uma espécie de *start* no campo ao ver o empreendedor como aquela pessoa que possui atributos importantes, como a capacidade de inovação, o reconhecimento de uma boa oportunidade e aceitação de certo grau de risco, ou seja, evidencia-se que para eles o espírito empreendedor de Schumpeter possui matizes identitárias.

Segundo Down e Warren (2008), na linha do que pontuamos na introdução deste apartado, nos campos da Sociologia e da Psicologia social, há um consenso crescente de que a identidade não é uma unidade estável do indivíduo, mas, em vez disso, é constituída por meio de interações contínuas entre recursos individuais e discursos contextuais. Ainda assim, muitas pesquisas sobre identidade no contexto do empreendedorismo podem ser caracterizadas por uma visão psicológica modernista do *self*, que enfatiza que a identidade é um núcleo relativamente estável que determina o comportamento (NIELSEN e LASSEN, 2011).

A professora indiana Sara Sarasvanthy, em sua *effectuation theory*, que vem sendo referenciada em algumas pesquisas sobre o empreendedorismo (GOEL e KARRI 2006; READ et al. 2009), aponta que o processo empreendedor é moldado a partir de um conjunto de meios dados que podem ser combinados em uma gama de diferentes efeitos possíveis. Postula a renomada professora que identidade individual é tradicionalmente percebida como uma das pré-condições, ou meios, que dão início ao movimento de empreender.

Assim, no processo empreendedor, a identidade é percebida como uma pré-condição relativamente estável, que influencia a maneira como os empreendedores organizam suas preferências e tomam decisões na situação incerta e ambígua do empreendedorismo (SARASVATHY; DEW, 2005). Desta maneira, a teoria da efetuação sugere que desde o início do processo empreendedor os indivíduos mantêm uma percepção relativamente clara e coerente de quem são e, com base nisso, agem e tomam decisões (SARASVATHY, 2001).

Segundo Nielsen e Larsen (2011), a teoria da efetuação, entretanto, também se abre implicitamente para a ideia de que a identidade pode mudar durante o processo empreendedor, à medida que o indivíduo interage com novas pessoas, obtém acesso a novas oportunidades e consegue ganhar novos recursos.

6 EMPREENDEDORISMO E REDUÇÃO DA POBREZA

Apesar de ainda muito fragmentada, uma corrente de estudiosos, muitos oriundos de países emergentes e periféricos, vem advogando em prol de um empreendedorismo como meio crítico de redução da pobreza. Os estudos partem do princípio de que a ação empreendedora deve, na verdade, buscar influenciar positivamente a vida das pessoas que estão na pobreza, excluídas socialmente, promovendo, assim, o bem-estar econômico e não-econômico não só de indivíduos, mas de comunidades inteiras. Segundo Sutter, Brutton e Chen (2018), é possível identificar três perspectivas nesta linha: a perspectiva da remediação, a perspectiva da reforma e a perspectiva da revolução.

A perspectiva da remediação postula que a redução da pobreza ocorre quando a escassez de recursos é abordada. Essa perspectiva geralmente se concentra no fornecimento de recursos escassos, a exemplo de finanças ou treinamento, como centrais para o alívio da pobreza (BERGE *et al.*, 2014; CHLIOVA; RINGOV, 2017; VALDIVIA, 2015).

A perspectiva da remediação pressupõe que os mercados prosperarão à medida que a atividade empreendedora for desencadeada e que o empreendedorismo entre os pobres resultará em um ganha-ganha que beneficia todos os participantes sociais (LONDON, 2009; KHAVUL, 2010).

A perspectiva da reforma postula que a pobreza é o resultado da exclusão social e que a redução da pobreza através do empreendedorismo ocorre conforme o contexto institucional ou social é alterado (GHANI *et al.*, 2014; SCOTT *et al.*, 2012). Por exemplo, em vez de explorar como fornecer às mulheres o financiamento de que precisam para participar dos mercados, a perspectiva da reforma questionaria quais estruturas sociais impedem essa participação e como essa estrutura pode ser alterada para ser mais inclusiva (MAIR *et al.*, 2012). Esta perspectiva geralmente assume que os mercados são os principais motores da redução da pobreza, embora eles precisem de reestruturação para serem mais inclusivos (GEORGE *et al.*, 2012; SUTTER *et al.*, 2018). Uma vez que a perspectiva da reforma se concentra na necessidade de mudança social, esta literatura não necessariamente assume que a redução da pobreza sempre resultará em um ganha-ganha em que todas as partes se beneficiam. Em vez disso, as lutas pelo poder podem resultar em perdas de curto prazo para grupos anteriormente privilegiados (AL-DAJANI; MARLOW, 2015; KENT; DACIN, 2013). Finalmente, a perspectiva da reforma também vai além do positivismo ao prestar atenção às realidades socialmente construídas dos

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

pobres e assim abraçar implicitamente outras posturas epistemológicas e ontológicas, como o realismo crítico (DATTA; GAILEY, 2012). Desta forma, a perspectiva da reforma está mais sintonizada com as realidades sociais e institucionais dos pobres e com as formas como o empreendedorismo está envolvido na mudança.

A perspectiva da revolução advoga que a redução da pobreza ocorre quando o empreendedorismo apresenta alternativas ao capitalismo, no modo como está atualmente constituído. Questionam alguns dos pressupostos básicos do capitalismo, como interesse econômico próprio, eficiência e uma orientação individualista (CALAS *et al.*, 2009; PEREDO; CHRISMAN, 2006). Em vez de perpetuar a estrutura social neoliberal por meio do empreendedorismo, a perspectiva da revolução sugere que o empreendedorismo pode levar a diferentes formas de organizar economicamente indivíduos e comunidades (RINDOVA *et al.*, 2009).

A distinção entre a perspectiva da reforma e da revolução é mais um continuum do que uma linha divisória. No entanto, em sua essência, a perspectiva da reforma sugere maneiras pelas quais a mudança social e institucional pode ajudar a incorporar os pobres em mercados mais inclusivos, enquanto a perspectiva da revolução questiona a própria essência dos mercados capitalistas (SUD; VANSANDT, 2011).

A perspectiva da revolução também presta atenção em como o poder é exercido para reproduzir a ordem social existente e como o poder pode ser desafiado (LEVY, 2008; SHAKYA; RANKIN, 2008). Essa perspectiva geralmente assume que o objetivo final da redução da pobreza por meio do empreendedorismo deve ser o aumento da igualdade social, o que implica que os resultados econômicos, como a eficiência econômica, são considerações secundárias (CALAS *et al.*, 2009).

7 A ABORDAGEM FEMINISTA DO EMPREENDEDORISMO

Junto com outros postulados apresentados até aqui, trazemos a abordagem feminista como um interessante suporte teórico no esteio do escopo teórico do feminismo (CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2007; GREER; GREEN, 2003; HURLEY, 1999; MIRCHANDANI, 1999; STEVENSON, 1990). É importante sinalizar o sentimento que temos no tocante a diferenças relevantes entre o que se convencionou chamar de empreendedorismo feminino, com uma produção iniciada nas últimas décadas do século passado e na primeira década deste

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

século, tanto no âmbito internacional (SCHWARTZ, 1976; SEXTON; KENT, 1981, SMITH; MCCAIN; WARREN, 1982; NEIDER, 1987; ALDRICH; REESE; DUBINI, 1989; FAGENSON, 1993; SEXTON; BOWMAN-UPON, 1990; WHITE; COX, 1991, CROMIE, BIRLEY, 1992; CARTER, 1989; LEE—GOSSELIN; GRISÉ, 1990; FISHER, REUBER E DYKE, 1993), como no âmbito nacional (STROBINO, TEIXEIRA, 2014; CRAMER et al., 2012, JONANTHAN, 2011; VALE, SERAFIM, TEODÓSIO, 2011; LIMA, FREITAS, 2010; MACHADO; WETSEL; RODRIGUES, 2008; JONATHAN; SILVA, 2007) e o que trazemos aqui como um florescente campo de estudo na área do empreendedorismo.

O escopo teórico chamado empreendedorismo feminino, teve um foco muito grande em questões empírico-quantitativas e limitaram-se a coleta de dados sem a promoção de debates que tensionassem com mais profundidade as questões de subalternização do gênero feminino. Conforme apontam as professoras Gomes, Santana, Araújo e Martins (2014), muitas dessas pesquisas se restringiram a descrever, de forma fragmentada, pequenos segmentos da população de mulheres empreendedoras e não avançaram na aplicação e no desenvolvimento de teorias. Muito da produção do referido escopo reforça práticas discursivas que reproduzem a subordinação feminina recriando a ideia de que as empresas geridas por mulheres desempenham um papel secundário e menos significativo quando comparadas àquelas lideradas por homens, demonstrando uma necessidade de mudança quanto ao objeto de pesquisa e a posição epistemológica dessas produções (AHL, 2006 *apud* GOMES, SANTANA; ARAÚJO; MARTINS, 2014).

Por outro lado, a abordagem feminista do empreendedorismo é ainda muito pouco estudada, está de alguma forma fragmentada e sofre uma sentida marginalização numa literatura dominante amplamente produzida por homens. Merece destaque especial, a produção de Calás e Smircich (1996; 2006; 2007; 2011). O trabalho das autoras é pioneiro e elas se tornaram a principal referência dessa abordagem que nos é deveras importante.

O marco da pesquisa é o lançamento em 1996 do artigo intitulado “From ‘the woman’s point of view’: feminist approaches to organization studies”, que traz uma tessitura entre as abordagens feministas e os estudos organizacionais. Desde então, uma interessante produção, muito pouco difundida, principalmente aqui no Brasil, vem dando volume a um corpo teórico altamente pertinente no campo dos estudos sobre o empreendedorismo, à luz dos estudos de gênero.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

Como é fácil de prever e como também já evidenciado aqui, a abordagem feminista parte de uma crítica a uma literatura dominante sobre o empreendedorismo. Apontam as feministas que existe um enquadramento da orientação ontológica e epistemológica das perspectivas dominantes na lógica da racionalidade econômica. Tal entendimento oculta muito mais do que o empreendedorismo é e faz.

A crítica à literatura dominante parte das representações humanas que permeiam os principais arcabouços teóricos e de pesquisa – ou seja, quem e porque está incluído e quem e porque está de fora. Ao se perpetrar uma literatura que articula a singularidade do empreendedorismo como um fenômeno universal baseado em oportunidades advindas do mercado, um grande lapso conceitual emerge visto que muitas das dinâmicas contextuais que tornam a atividade empreendedora relevante para pessoas específicas, em lugares específicos e por razões específicas são ignoradas pelas premissas normativas da literatura convencional (CALÁS; SMIRCICH, 2006).

A questão de fundo apontada pela corrente feminista não é se os construtos teóricos dominantes são capazes de incorporar diversos grupos (tais como, mulheres, pessoas negras, imigrantes ou pessoas de economias emergentes) em seu escopo (BRUSH; CARTER; GATEWOOD; GREENE; HART, 2004; WALDINGER; ALDRICH; WARD, 2000), mas sim, na ênfase econômica por trás dessas construções. Na verdade, as perspectivas tradicionais sobre o empreendedorismo visam reproduzir um sistema econômico específico – o capitalismo de mercado – e difundir quase que alegoricamente que ele beneficiará a todos e todas. Para as feministas, uma simplista visão positiva do empreendedorismo – algo comum nas perspectivas tradicionais – é algo sem sentido. Faz-se necessário analisar o empreendedorismo como um fenômeno mais complexo do que o permitido por sua formulação estreita, reducionista, limitada e limitante como atividade econômica. Advogam, assim, em prol de um empreendedorismo que de fato promova um processo de mudança social sem amarras à lógica econômica ou gerencial (HJORTH; STEYAERT, 2004; JONES; SPICER, 2005; STEYAERT, 1997, 2005; STEYAERT; HJORTH, 2007; STEYAERT; KATZ, 2004).

A mudança social está na pauta, no centro da teorização feminista e, no que tange ao empreendedorismo, não seria diferente. Parte-se do pressuposto de que gênero é fundamental na estruturação da sociedade, com as mulheres historicamente desfavorecidas. A teorização feminista analisa criticamente as agendas de mudança social, nesses termos. No entanto, o significado de mudança social varia de acordo com os pressupostos ontológicos e

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

epistemológicos básicos de cada abordagem teórica importante dentro do feminismo (CALÁS; SMIRCICH, 2006; EVANS, 1995; GREWAL; KAPLAN, 1994; JAGGAR, 1983; TONG, 1998). Muito importante para toda a corrente feminista, é também relevante nesta abordagem a produção do conhecimento que está sendo desenvolvida. Neste sentido, defende-se a ampliação de trabalhos sobre o empreendedorismo tendo lentes analíticas feministas.

As pesquisadoras Calás, Smircich e Bourne (2007) apontam dois grandes grupos dentro da teorização feminista para reformular o empreendedorismo como atividade econômica e como um importante escopo de pesquisa. O primeiro grupo é uma teorização feminista liberal, psicanalítica e radical que postula que existe uma posição ontológica realista sobre homens e mulheres e uma estratificada estrutura social, onde o empreendedorismo é um aspecto dessa estrutura social. As mudanças desejadas incluem a eliminação de barreiras ao acesso das mulheres na vida pública, o reconhecimento das diferentes experiências das mulheres como contribuições valiosas para a sociedade e até mesmo a contemplação de uma estruturação da sociedade centrada na mulher como a única possibilidade de contrariar a estruturação patriarcal.

O segundo grupo é uma teorização socialista, pós-estruturalista e feminista transnacional que avança a uma ontologia construcionista social que favorece epistemologias de ponto de vista e, em alguns casos, avança em argumentações anti-ontológicas que favorecem a epistemologia pós-moderna. Em vez de assumir noções binárias e essencialistas de "mulheres" e "homens", o foco está nas relações de gênero - como processos produtivos na estruturação contínua da sociedade. Um foco nas relações de gênero chama a atenção não apenas para o sexo dos/das participantes como atores corporificados, mas para a produção cultural de suas subjetividades e a produção material de suas vidas sociais.

Desses processos emergem terrenos sociais carregados de poder, contestados e em constante mudança, onde diversos interesses atuam. De que forma o empreendedorismo como processo social está implicado nesses processos e práticas de gênero é uma pergunta que permeia tudo que envolve a atividade empreendedora.

8 CONSIDERAÇÕES

Os achados mostram um intento de ruptura com postulações que estão hegemonicamente perpetradas, quanto às quais impera a ideia de que o empreendedorismo é o processo de criação de negócios que são lastreados na inovação e que são o resultado da

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

identificação de oportunidades para tal. Por sua vez, empreendedores são gênios que geram ou respondem às oportunidades surgidas, praticantes de inovação, desenvolvedores de grandes negócios, criadores de organizações inovadoras ou redes de organizações, objetivando lucratividade ou crescimento sem receios de riscos – em suma são os provedores de modificação social e desenvolvimento econômico.

As abordagens identificadas no nosso movimento de revisão da literatura e apresentadas aqui mostram a importância de se atentar para o fato de que na contemporaneidade nenhuma área de estudo está departamentalizada, isolada e relegada a monólogos intraconceituais na frente do espelho. As contribuições das distintas áreas de investigação do conhecimento, assim como a atenção a distintas demandas sociais, só têm a enriquecer um dado estudo. Um enfoque integracionista, que envolva distintas perspectivas, significa o respeito a uma área de estudo que se mostra (e deve ser) dinâmica por natureza.

Por outro lado, as abordagens trazidas darão suporte para as nossas pesquisas (em andamento), visto que o empreendedorismo de trabalhadores e trabalhadoras na peculiaridade do contexto da baianidade está desvinculado de prerrogativas clássicas e requer um olhar pormenorizado refutando drasticamente o alinhamento a qualquer pilar universalizante.

Num movimento de entrelace do nosso objetivo com as abordagens apresentadas, podemos elencar que a atividade empreendedora com a qual lidamos é contextual, pautada na prática, traz uma pauta identitária (baianidade), objetiva a superação da precariedade de vida e leva em conta a necessidade do olhar para as questões de gênero uma vez que há diferenças sociais claras e estratificadas entre o exercício empreendedor de um trabalhador e de uma trabalhadora.

Finalmente, entendemos que o resultado desta revisão representa a necessidade de uma nova agenda de pesquisa e de produção teórica para a área do empreendedorismo. O que se delineou aqui é uma contribuição para uma nova, necessária e desejada epistemologia.

REFERÊNCIAS

Akerlof, G. A.; R. E. Kranton. (2000). Economics and Identity. *Quarterly Journal of Economics*, 105(3), 715–53.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Al-DajaniL, H., Marlow (2015). Empowerment, place and entrepreneurship: Women in the global south. In: Baker, T.; & WELTER, F. (eds) *The Routledge Companion to Entrepreneurship*. New York: Routledge, pp. 343–357.
- Anderson, A. R.; Miller, C. J. (2003) Class matters: Human and social capital in the entrepreneurial process. *Journal of Socio-Economics*, v. 32, n. 1, p. 17–36.
- Aldrich, H.; Reese, P. R.; Dubini, P. (1989) Women on the verge of a breakthrough?: networking among entrepreneurs in the United States and Italy. In: VESPER, K. H. (Ed.) *Frontiers of entrepreneurship research*. Wellesley, Massachusetts: Babson College, p. 560-574.
- Berge, L. I. O.; Bjorvatn, K.; Tungodden, B. (2014). Human and financial capital for microenterprise development: evidence from a field and lab experiment. *Manag. Sci.*61, 707–722.
- Bourdieu, P. Esboço de uma Teoria da Prática. (1994) In: Ortiz, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- Brush, C. G.; Carter, N.; Gatewood, E.; Greene, P.; Hart, M. (2004) *Clearing the hurdles: Women building high growth businesses*. Upper Saddle River, NJ: Financial Times Prentice-Hall.
- Bygrave, W.D., Hofer, C.W.(1992) *Theorizing about entrepreneurship*. *Enterp. Theory Pract.* 16, 13–22.
- Cálas, M. B.; Smircich, L. (1996). From “the woman’s” point of view: feminist approaches to organizations studies. In: CLEGG, S. et al. *Handbook of organization studies*. London: Sage.
- Cálas, M. B.; Smircich, L. (2006) From the "woman's point of view" ten years later: Towards a feminist organization studies. In: Clegg, S.; Hardy, C.; Lawrence, T.; Nord, W.(Eds.). *Handbook of organization studies*: 284-346. London: Sage.
- Cálas, M. B.; Smircich.; Bourne, K. A. (2007). Knowing Lisa? Feminist analyses of gender and entrepreneurship. In: Bilimoria, D.; Piderir. S. K. (Eds.). *Handbook on women in business and management*. 78-105. Cheltenham, UK: Edward Elgar.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Cálas, M. B.; Smircich.; Bourne, K. A. (2009). Extending the boundaries: reframing “entrepreneurship as social change” through feminist perspectives. *Academy of Management Review* 34, 552–569.
- Carter, S. (1989). The dynamics and performance of female-owned entrepreneurial firms. *Journal of Organizational Change Management*. Bradford. v. 2, n. 3, p. 54-64.
- Chalmers, D. M.; Shaw, E. (2017) The Endogenous Construction of Entrepreneurial Contexts: A Practice-based Perspective. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship* 35 (1): 19–39.
- Chia, R.; Holt, R. (2006). Strategy as Practical Coping: A Heideggerian Perspective. *Organization Studies* 27 (5): 635–655.
- Chiova, M.; Ringov, D. (2017). Scaling impact: template development and replication at the base of the pyramid. *Acad. Manag. Perspect.* 31 (1), 44–62.
- Cramer, L. et al. (2012). Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, São Paulo, v.1, n.1, 53-71, jan./abril.
- Cromie, S.; Birley, S. (1992). Networking by female business owners in Northern Ireland. *Journal of Business Venturing*. Amsterdam. v. 7, n. 3, p. 237-251, May.
- Datta, P.B.; Gailey, R. (2012). Empowering women through social entrepreneurship: case study of a women's cooperative in India. *Enterp. Theory Pract.* 36, 569–587.
- Dodd, S. D.; Pret, T.; Shaw, E. (2016). Advancing understanding of entrepreneurial embeddedness: forms of capital, social contexts and time. In: Welter, F; Gartner, A, W. B. A *Research Agenda for Entrepreneurship and Context*. Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing.
- Down, S.; Warren, L. (2008). Constructing narratives of enterprise: clichés and entrepreneurial self-identity. *International Journal of Entrepreneurial Behavior*, 14(1), 4–23.
- Downing, S. (2005). The social construction of entrepreneurship: narratives and dramatic processes in the co-production of organizations and identities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(2), 185–204.
- Evans, J. (1995). *Feminist theory today*. London: Sage.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Fagenson, E. A. (1993). Personal value systems of men and women entrepreneurs versus managers. *Journal of Business Venturing*. Amsterdam. v. 8, n. 5, p. 409-430, Sept.
- Falck, O.; Heblich, S.; Luedemann, E. Identity and entrepreneurship: Do school peers shape entrepreneurial intentions? *Small Business Economics*. 2009.
- Fischer, E. M.; Reuber, A. R.; Dyke, L. S. A theoretical overview and extension of research on sex, gender, and entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, New York, v. 8, n. 2, p. 151-168, Mar. 1993.
- Frenkel, M. (2008). The multinational corporation as a third space: Rethinking international management discourse on knowledge transfer through Homi Bhabha.. *Academy of Management Review*, 33 (4), 924–942.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- George, G.; Mcgahan, A.M.; Prabhu, J. Innovation for inclusive growth: towards a theoretical framework and a research agenda. *J. Manag. Stud.* 49, 661–683. 2012.
- Ghani, E.; Kerr, W.R.; O'Connell, S.D. (2014). Political reservations and women's entrepreneurship in India. *J. Dev. Econ.* 108, 138–153.
- Gherardi, S. (2016). Sociomateriality in Posthuman Practice Theory. In: *The Nexus of Practices: Connections, Constellations, Practitioners*. edited by T. R. Schatzki, 38–51, Routledge London.
- Goel, S.; Karri, R. (2006). Entrepreneurs, effectual logic, and over-trust. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(4), 477–493.
- Gomes, A. F; Santana, W. G. P; Araújo, U. P; Martins, C. M. F. (2014). Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa. *RBGN – Revista Brasileira de Gestão de Negócios*. São Paulo, v. 16, n. 51, p. 319-342, abr./jun.
- Greer, M. J.; Greene, P. G. (2003). Feminist theory and the study of entrepreneurship. In: BUTLER, J. E. (Ed.). *New perspectives on women entrepreneurs*. 1-24: Greenwich, CT: Information Age.
- Grewal, L.; Kaplan, C. (Eds.). (1994). *Scattered hegemonies: Postmodernity and transnational feminist practices*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Gross, N.; Carson, D.; Jones, R. (2014). Beyond Rhetoric: Re-thinking Entrepreneurial Marketing from a Practice Perspective. *Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship* 16 (2): 105–127.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Gross, N.; Geiger, S. (2017). Liminality and the Entrepreneurial Firm: Practice Renewal during Periods of Radical Change. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research* 23 (2): 185–209.
- Haraway, D.(1991). *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge.
- Hjorth, D.; Steyaert, C. (Eds.). (2004). *Narrative and discursive approaches in entrepreneurship: A second movements in entrepreneurship book*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Hoang, H.; Gimeno, J. (2010). Becoming a founder: how founder role identity affects entrepreneurial transition and persistence in founding. *Journal of Business Venturing*. 25(1), 41–53.
- Hurley, A. E. (1999). Incorporating feminist theories into socio logical theories of entrepreneurship. *Women in Management Review*,14: 54-62.
- Jaggar, A. (1993). *Feminist politics and human nature*. Totowa, NJ: Rowman & Allanheld.
- Johnstone, H.; Lionais, D. (2004). Depleted communities and community business entrepreneurship: revaluing space through place. *Entrepreneurship & Regional Development*, 16 (3), 217–233.
- Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 65-85.
- Jones, C.; Spicer, A. (2005). The sublime object of entrepreneurship. *Organization*, 12: 223-246.
- Karatas-Ozkan, M. (2011). Understanding relational qualities of entrepreneurial learning: Towards a multi-layered approach. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 23, n. 9–10, p. 877–906.
- Keating, A.; S. Geiger; D.. Mcloughlin. (2013). Riding the Practice Waves: Social Resourcing Practices during New Venture Development. *Entrepreneurship: Theory and Practice* 38 (5): 1–29.
- Kent, D.; Dacin, M.T. (2013). Bankers at the gate: microfinance and the high cost of borrowed logics. *J. Bus. Ventur.* 28, 759–773.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Khavul, S. (2010). Microfinance: creating opportunities for the poor? *Acad. Manag. Perspect.* 24, 58–72.
- Lee-Gosselin, H.; Gris , J. (1990). Are women owner-managers challenging our definitions of entrepreneurship? An in-depth survey. *Journal of Business Ethics. Dordrecht*, v. 9, n. 4-5, p. 423-433, Apr./May.
- Levy, D.L. (2008). Political contestation in global production networks. *Academy of Management Review*, 33, 943–963.
- Lima, R. C. R.; Freitas, A. A. F. Personalidade empreendedora, recursos pessoais, ambiente, atividades organizacionais, gênero e desempenho financeiro de empreendedores informais. *Revista de Administra o Pública*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 511-531, mar./abr. 2010.
- Machado, R. M. C.; Wetzell, U.; Rodrigues, M. E. (2008). A experiência de sucessão para herdeiras de empresas familiares do Rio de Janeiro. *Cadernos EBAPE*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-24, set.
- Mair, J., MAart , I., Ventresca, M.J. (2012). Building inclusive markets in rural Bangladesh: how intermediaries work institutional voids. *Acad. Manag. J.* 55, 819–850.
- Marlow, S.; Carter, S. (2004) Accounting for change: Professional status, gender disadvantage and self-employment. *Women in Management Review*, v. 16n. 1, p. 5–16.
- Matthews, R. S.; Chalmers, D.M.; Fraser, S. S. (2018). The Intersection of Entrepreneurship and Selling: An Interdisciplinary Review, Framework, and Future Research Agenda. *Journal of Business Venturing* 33: 691–719.
- Mirchandani, K. (1999). Feminist insight on gendered work: New directions in research on women and entrepreneurship. *Gender, Work and Organization*, 6: 224-235.
- Neider, L. (1987) A preliminary investigation of female entrepreneurs in Florida. *Journal of Small Business Management. Morgantown*, v. 25, n. 3, p. 22-29.
- Nicolini, D. (2009). Zooming in and Out: Studying Practices by Switching Theoretical Lenses and Trailing Connections. *Organization Studies* 30 (12): 1391–1418.
- Nielsen, S. L.; Lassen, A. H. (2011) Identity in entrepreneurship effectuation theory: a supplementary framework. *Int Entrep Manag J.* 8:373–389.
- Nowicka, M. (2013). Positioning strategies of Polish entrepreneurs in Germany: Transnationalizing Bourdieu’s notion of capital. *International Sociology*, v. 28, n. 1, p. 29–47.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Peredo, A.M.; Chrisman, J.J. (2006). Toward a theory of community-based enterprise. *Academy of Management Review* 31, 309–328.
- Read, S.; Song, M.; Smit, W. (2009). A meta-analytical review of effectuation and venture performance. *Journal of Business Venturing*, 24, 573–587.
- Rindova, V. et al. (2009). Entrepreneurship as emancipation. *Academy of Management Review*. 34 (3), 477–491.
- Rouse, J. (2006). “Practice Theory.” In Handbook of the Philosophy of Science, edited by D. M. Gabbay, P. Thagard, and J. Woods, 500–540. Vol. 15. North Holland: Elsevier.
- Sarasvathy, S. D. (2001). Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of management Review*, v.26, n. 2, p. 243-263.
- Sarasvathy, S. D.; Dew, N. (2005). Entrepreneurial logics for a technology of foolishness. *Scandinavian Journal of Management*, v. 21, n. 4, p. 385-406.
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e inovação*. Lisboa: Escolar Editora.
- Schatzki, T. R.; Knorr-Cetina; E. (2001). Savigny. *The Practice Turn in Contemporary Theory*. London: Routledge.
- Schwartz, E. B. (1976). Entrepreneurship: a new female frontier. *Journal of Contemporary Business*. Seattle, v. 5, n. 1, p. 47-76.
- Scott, L.; Dolan, C.; Johnstone-Louis, M.; Sugden, K.; Wu, M. (2012) Enterprise and inequality: a study of Avon in South Africa. *Enterp. Theory Pract.* 36, 543–568.
- Sexton, D. L.; Kent, C., A. (1981). Female executives and entrepreneurs: a preliminary comparison. In: Vesper, K. H. (Ed.). *Frontiers of entrepreneurship Research*. Wellesley, Massachusetts: Babson College, p. 40-55.
- Shakya, Y.B.; Rankin, K.N.(2008). The politics of subversion in development practice: an exploration of microfinance in Nepal and Vietnam. *J. Dev. Stud.* 44,1214–1235.
- Smith, N. R.; McCain, G.; Warren, A. (1982). Women entrepreneurs really are different: a comparison of constructed ideal of male and female entrepreneurs. In: Vesper, K. H. (Ed.). *Frontiers of entrepreneurship. Research*. Wellesley, Massachusetts: Babson College, p. 68-76.
- Stam, E. (2016). Theorizing entrepreneurship in context. In: Welter, F; Gartner, W. B. A *Research Agenda for Entrepreneurship and Context*. Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

- Stepherd, D.; Haynie, M. J. (2009). Birds of a feather don't always flock together: identity management in entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 24, 316–337.
- Stevenson, L. (1990). Some methodological problems associated with researching women entrepreneurs. *Journal of Business Ethics*, 9: 439-446.
- Steyaert, C. (1997). A qualitative methodology for process studies of entrepreneurship. *International Studies of Management and Organization*. 27(3): 13-33.
- Steyaert, C. (2005). Entrepreneurship: In between what? On the "frontier" as a discourse of entrepreneurship research. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*. 2: 2-16.
- Steyaert, C. (2016). After Context. In: Welter, F; Gartner, W. B. *A Research Agenda for Entrepreneurship and Context*. Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing.
- Steyaert, C; Hjorth, D. (2007). *Entrepreneurship as social change*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Steyaert, C.; Katz, J. (2004). Reclaiming the space of entrepreneurship in society: Geographical, discursive and social dimensions. *Entrepreneurship & Regional Development* 16. 179-196.
- Stewart, A. (1991). *Team entrepreneurship*. Newbury Park, CA: SAGE.
- Sexton, D. L.; Kent, C., A. (1991). Female executives and entrepreneurs: a preliminary comparison. In: Vesper, K. H. (Ed.). *Frontiers of entrepreneurship Research*. Wellesley, Massachusetts: Babson College, p. 40-55.
- Sexton, D. L.; Bowman-Upton, N. (1990). Female and male entrepreneurs: psychological characteristics and their role in gender-related discrimination. *Journal of Business Venturing*, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 29-36, Jan.
- Sud, M.; Vamsamdt, C.V. (2011). Of fair markets and distributive justice. *J. Bus. Ethics* 99, 131–142.
- Strobino, M. R. C.; Teixeira, R. M. (2014). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 49, n.1, p.59-76, jan./fev./mar.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

Sutherland, L.; Burton, R. (2011). Good farmers, good neighbours? The role of cultural capital in social capital development in a Scottish farming community. *Sociologia Ruralis*, v. 51, n. 3, p. 239–255.

Sutter, C.J.; Webb, J.; Kistruck, G.; Ketchen, D.J.; Ireland, R.D.(2017) Transitioning entrepreneurs from informal to formal markets. *J. Bus. Ventur.* 32, 420–442.

Sutter, C.; Brutton, G. D.; Chen, J. (2018). Entrepreneurship as a solution to extreme poverty: A review and future research directions. *Journal of Business Venturing / Elsevier*.

Swedberg, R. (2000). The Social Science View of Entrepreneurship: Introduction and Practical Applications. In *Entrepreneurship: The Social Science View*, Oxford: Oxford University Press.

Thompson, N. A.; Verdujn, K.; Gartner. W. B. (2020). Entrepreneurship-as-practice: grounding contemporary theories of practice into entrepreneurship studies, *Entrepreneurship & Regional Development*, 32:3-4, 247-256.

Tong, R. P. (1998). *Feminist thought: A more comprehensive introduction*. Boulder, CO: Westview.

Valdivia, M. (2015). Business training plus for female entrepreneurship? Short and medium-term experimental evidence from Peru. *J. Dev. Econ.* 113, 33–51

Vale, G. M. V.; Serafim, A. C. F; Teodósio, A. S. S. (2011). Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes? *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 631-649, jul./ago.

Venkataraman, S. (1997). The distinctive domain of entrepreneurship research. In Katz, J. (Ed.) *Advances in entrepreneurship, firm emergence and growth*, Greenwich, CN: JAI Press, v. 3, p. 119-138.

Vershinina, N; Barrett, R.; Mayer, M. (2011). Forms of capital, intra-ethnic variation and Polish entrepreneurs in Leicester. *Work, Employment and Society*, v. 25, n. 1, p. 101–117.

Vincent, S. (2016). Bourdieu and the gendered social structure of working time: A study of selfemployed human resources professionals. *Human Relations*, v. 69, n. 5, p. 1163–1184.

Waldinger, R.; Aldrich, J.; Ward, R. (2000). Ethnic entrepreneurs. In Swedberg, R. (Ed.). *Entrepreneurship: The social science view*.356-388. New York: Oxford University Press.

Empreendedorismo: uma revisão da literatura e a emergência de abordagens teóricas consoantes com o estudo de realidades específica

Welter, F. (2011) 'Contextualizing entrepreneurship – conceptual challenges and ways forward'. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35 (1), 165–184.

Whittington, R. (1996). Strategy as Practice. *Long Range Planning*. 29 (5): 731–735.

Welter, F.; Gartner, W. B. (2016). Advancing our research agenda for entrepreneurship and contexts. In: Welter, F.; Gartner, W. B. *A Research Agenda for Entrepreneurship and Context*. Cheltenham, UK and Northampton, USA: Edward Elgar Publishing.

White, B.; Cox, C. (1991). A comparison of the characteristics of female managers and female entrepreneurs. *Women in Management Review*. Bradford, v. 6, n. 2,

Whittington, R. (1996). Strategy as Practice. *Long Range Planning*. 29 (5): 731–735.

Zahra, S. A. (2007). Contextualising theory building in entrepreneurship research'. *Journal of Business Venturing*. 22, 443–452.

Zahra, S. A. (2014). Contextualization and the advancement of entrepreneurship research, *International Small Business Journal*, 32 (5), 479–500.

ABSTRACT

In recent decades, the growing presence of entrepreneurial activity at a global level is notorious. However, in the theoretical field, more markedly in Brazilian productions, it is noticeable the little relevance that new contributions have achieved in the face of a reigning and persistent classical-hegemonic literature of studies on the subject. In this sense, this article, the result of a doctoral research in progress, arises from the search for the composition of a theoretical belt that provides support for a research on the entrepreneurial activity of workers in the peculiarity of the context of Bahia. We focus our gaze on academic-theoretical propositions that propose ruptures and/or expansion of classical-dominant postulates. Regarding the methodological issue, this writing consisted of selecting and analyzing a vast production in three different languages (Portuguese, English and Spanish) in different bases of scientific articles, in portals and networks of international researchers. As a result, we present five clusters, which we name approaches, namely: practice in entrepreneurship theory, context-focused entrepreneurship, entrepreneurship and identity, entrepreneurship and poverty reduction, feminist approach to entrepreneurship. It is hoped that this review will contribute to a new research and theoretical production agenda for the field of entrepreneurship.

Keywords: Entrepreneurship. Practice and Context. Identity. Poverty reduction. Feminist.

RESUMEN

En las últimas décadas es notoria la creciente presencia de la actividad emprendedora a nivel mundial. Sin embargo, en el campo teórico, más acentuado en las producciones brasileñas, es bien sabido que los nuevos aportes se han logrado frente a una predominante y persistente literatura clásico-hegemónica de estudios sobre el tema. En ese sentido, este artículo, resultado de una investigación doctoral en curso, surge de la búsqueda de la composición de un cinturón teórico que sustente una investigación sobre la actividad empresarial de los trabajadores en la peculiaridad del contexto baiano. Centramos nuestra mirada en proposiciones teórico-académicas que plantean rupturas y/o ampliaciones de postulados clásico-dominantes. Como parte de la investigación metodológica, este artículo consistió en seleccionar y analizar una vasta producción en tres idiomas diferentes (portugués, inglés y español) en diferentes bases de datos de artículos científicos, en portales y redes de investigadores internacionales. Como resultado, presentamos cinco clústeres, a los que denominamos enfoques, a saber: práctica en la teoría del emprendimiento, emprendimiento con enfoque contextual, emprendimiento e identidad, emprendimiento y reducción de la pobreza, enfoque feminista del emprendimiento. Se espera que esta revisión contribuya a una nueva agenda de investigación y producción teórica para el campo del emprendimiento.

Palabras clave: Emprendimiento. Práctica y Contexto. Identidad Reducción de la pobreza. Feminista.